

A inauguração de Brasília

ADIRSON VASCONCELOS
Especial para o CORREIO

Ideal de várias gerações de brasileiros e determinação de três Constituições federais, Brasília tornou-se realidade pelas mãos do presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira que a construiu e, finalmente, a inaugurou há 27 anos, num acontecimento que reuniu mais de 100 mil pessoas vindas dos mais diferentes pontos do País, além de estrangeiros e convidados.

A inauguração da capital teve o seu ponto alto nas solenidades de instalação dos Três Poderes da República - o Executivo, o Legislativo e o Judiciário —, no dia 21 de abril de 1960. Todavia, as comemorações foram precedidas no dia 20 e se prolongaram pelos dias 22 e 23, dando ao conjunto de solenidades um elenco de 33 eventos comemorativos.

Antecipando-se aos atos solenes do dia 21 de abril, o presidente Juscelino Kubitschek, acompanhado de dona Sarah e filhas, chega a Brasília na tarde do dia 20, procedente do Rio de Janeiro, cidade que até aquele dia servira de capital do País.

Em Brasília, Juscelino é recebido por grande multidão de operários e visitantes e, às 17h, na Praça dos Três Poderes, em frente ao Palácio do Planalto, recebe do engenheiro Israel Pinheiro, presidente da empresa construtora da nova capital, a chave simbólica de Brasília. Israel fala e, depois, um popular pede a palavra e fala.

O presidente agradece as manifestações e diz que "Brasília só pode estar aí, como a vemos, e já deixando entender o que será amanhã, porque a fé em Deus e no Brasil nos sustentou a todos nós, a esta família aqui reunida, a vós todos, candangos, a que me orgulho de pertencer".

E, noutro trecho de seu discurso, saúda os candangos, trabalhadores da construção de Brasília, com estas palavras:

— Assisti desde as primeiras horas a vossa chegada ao Planalto; vi como pegastes no trabalho; como vos animastes, homens, à procura de um destino melhor, não apenas para vós mesmos, mas também para o nosso País. Vosso idealismo animou-me a mim próprio. Faleis pouco, apenas o suficiente, pois o sofrimento vos tornou sérios, graves. Não é por palavras e aplausos que manifestais o vosso agrado e o entusiasmo que vos possui: é pela ação".

Pouco antes de zero hora do dia 21 de abril, a cruz histórica da frota de Pedro Álvares Cabral e diante da qual frei Henrique de Coimbra rezou a primeira missa do Brasil, em 1500, é colocada no altar armado na Praça dos Três Poderes, em frente ao Supremo Tribunal Federal.

Quando o Santíssimo é levantado, a Banda do Corpo de Fuzileiros Navais executa o Hino Nacional e toda a Praça dos Três Poderes é iluminada por dezenas de refletores. Após a homilia do Cardeal Cerejeira, o papa João XXIII, diretamente de Roma, através da Rádio Vaticano, dirige uma bênção a Brasília e uma saudação ao povo brasileiro.

Cercado de diplomatas, autoridades e grande massa humana, o presidente Juscelino Ku-

bitschek hastela a Bandeira Brasileira, ao som do Hino Nacional.

Após hastear a bandeira, disse o presidente Juscelino: "Cabe-me a honra de içar, neste momento, a Bandeira Nacional. Faço-o com emoção que dificilmente poderia exprimir. Sinto agora a mesma vibração, o mesmo tremor que sentem todos aqueles que estão praticando o mesmo gesto nos quatro cantos da Pátria. Meu pensamento volta-se, neste instante, para as novas gerações que hão de recolher o fruto de nossos trabalhos e encontrar um Brasil diferente que encontramos, um Brasil integrado no seu verdadeiro destino. Diante da Bandeira Nacional, com as suas 22 estrelas, saúdo os pioneiros, os que lutaram para que chegassemos ao que somos, e saúdo os filhos dos nossos filhos para os quais, sem medir esforços e sacrifícios, erguemos as bases da nossa grandeza futura".

Finalmente, às 9h30, o presidente, perante as personalidades presentes, declarou instalado, em Brasília, o Poder Executivo e proferiu discurso em que assinala a importância do momento histórico, do que destacamos o seguinte trecho:

— Quando aqui chegamos, havia na grande extensão deserta apenas o silêncio e o mistério da natureza inviolada. No sertão bruto iam-se multiplicando os momentos felizes em que percebíamos tomar formas e erguer-se por fim a jovem cidade. Vós todos, aqui presentes, a estais vendo, agora, estais pisando as suas ruas, contemplando os seus belos edifícios, respirando o seu ar, sentindo o sangue da vida em suas artérias. Somente me abalei a construí-la quando de mim se apoderou a convicção de sua exequibilidade por um povo amadurecido para ocupar e valorizar plenamente o território que a Providência Divina lhe reservara.

E finaliza o presidente: "Daqui, do centro da Pátria, levo o meu pensamento a vossos lares e vos dirijo a minha saudação. Explicai a vossos filhos o que está sendo feito agora. E sobretudo para eles que se ergue esta cidade síntese, prenúncio de uma revolução fecunda em prosperidade. Eles é que nos hão de julgar amanhã".

Enquanto isto, no mesmo horário, são instalados os trabalhos do Poder Legislativo e do Poder Judiciário. O Senado Federal e a Câmara dos Deputados, presididos por João Goulart e Ranieri Mazzilli, respectivamente, realizam sessões preparatórias à sessão conjunta do Congresso Nacional, logo mais.

No Poder Judiciário, os trabalhos são presididos pelo ministro Barros Barreto, que fala instalando o Supremo Tribunal Federal em Brasília. Falam também o ministro Nelson Hungria e o procurador Carlos Medeiros Silva, exaltando o momento histórico.

Quase no mesmo horário, instalados os trabalhos do Poder Judiciário, o Arcebispo de Brasília, no local da futura catedral. Em ato presidido pelo Nuncio Apostólico, monsenhor Armando Lombardi, é empossado o primeiro bispo de Brasília, dom José Newton de Almeida Baptista, um diamantinense, a exemplo do presidente JK. A sessão solene do Congresso Nacional, às 11h30, conta com a presença do presidente, embaixadores e al-

tas autoridades.

Ao final da manhã, marcada pelos atos de instalação dos Três Poderes da República, é instalado o Marco Histórico da Inauguração de Brasília, na Praça dos Três Poderes. O marco é um bloco de concreto revestido em mármore, tendo, no seu interior, inscrições com relatos históricos do movimento mudancista que gerou Brasília.

Após o desfile dos contingentes da Escola Naval, da Academia Militar das Agulhas Negras e do Batalhão da Guarda Presidencial e das tropas das colunas militares procedentes da Bahia e do Rio de Janeiro — as duas ex-capitais —, desfilaram os operários construtores de Brasília, engenheiros, técnicos e máquinas. E, por último, os atletas que conduzem o Fogo Simbólico procedente de Salvador, a primeira capital do Brasil.

As comemorações tiveram prosseguimento nos dias 22 e 23, destacando-se, no dia 22, sexta-feira, o seguinte programa: festa das crianças na Praça dos Três Poderes, instalação do Tribunal Superior Eleitoral e Tribunal Federal de Recursos, inauguração do Centro de Reabilitação Sarah Kubitschek, inauguração do Cine Brasília e o Concerto Sinfônico regido pelo maestro Eliezer de Carvalho.

Com a inauguração de Brasília, a 21 de abril de 1960, depois de uma epopéia de trabalho ininterrupto de técnicos, candangos e máquinas ao longo de uma faixa de cerca de mil dias, o povo brasileiro deu ao mundo uma demonstração de sua capacidade de trabalho, de sua fé e de sua confiança no futuro da Pátria. Dava condições para o início de uma nova era na História do Brasil, com o "gigante pela própria natureza" encontrando-se a si mesmo no seu interior para dinamizar um celeiro de imensas riquezas telúricas, que ainda se encontravam em estado potencial, inerte e sonolento na ampla região Centro-Oeste do País e no grande Norte.

Eram, assim, lançados — na antevisão do jornalista Hipólito José da Costa, no CORREIO BRAZILIENSE, em 1813 —, os "fundamentos do mais extenso, ligado e bem defendido e poderoso império que é possível existir na superfície do globo".

E um homem de vontade inquebrantável entrava na imortalidade, na história do seu País e de toda a humanidade: o presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira. Litoral e interior uniam-se no coração do território brasileiro, onde nascem os grandes rios e, com Brasília, as grandes estradas. As rodovias, as ferrovias e a aviação encontravam um ponto central e equidistante do todo nacional, pólo irradiador da unidade e da integração nacional e do desenvolvimento socioeconômico e cultural de uma imensa área correspondente a dois terços do território nacional.

Daí a propriedade com que Juscelino Kubitschek, ao definir "Brasília" chamando-a de "cérebro das altas decisões nacionais", pôde, numa visão futurológica, lançar "os olhos mais uma vez sobre o amanhã do meu País" e antevê uma "alvorada, com uma fé inquebrantável e uma confiança sem limites no seu grande destino".

Adirson Vasconcelos é jornalista e historiador de Brasília, com mais de 10 livros publicados.